

DINÂMICA DAS RELAÇÕES DOS TRABALHADORES MIGRANTES NORDESTINOS NO TRIÂNGULO MINEIRO/ALTO PARANAÍBA, MG, BRASIL

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2022.58.10399>

Recebido em: 23/3/2020

Aceito em: 12/11/2021

Daniel Féo Castro de Araújo¹, Fernando Luiz Araújo Sobrinho²

RESUMO

Este artigo propõe demonstrar o processo de construção e reprodução das múltiplas identidades e sociabilidades existentes entre os trabalhadores assalariados, de origem nordestina, que migraram para Ituiutaba, Minas Gerais, e dos moradores locais. A migração desses trabalhadores é de caráter pendular e, às vezes definitiva, sendo motivada pela oferta de empregos no complexo sucroenergético, principal atividade econômica do município. A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa tem por base inicial a revisão bibliográfica para a busca de referenciais para o entendimento do fenômeno e também para a construção de referencial teórico articulado às demais etapas do estudo, tais como o levantamento de dados de fontes primárias por meio da realização de trabalho de campo e entrevistas, cujo objetivo foi identificar e dar voz aos sujeitos sociais envolvidos nas migrações, possibilitando examinar as relações dos migrantes com o uso de tecnologias, educação e relações de trabalho. Destaca-se que as entrevistas, bem como a identificação dos sujeitos e o uso de suas falas, foi autorizada mediante assinatura de termo de consentimento. Sendo assim, buscamos, por meio das ferramentas, isto é, pelos conceitos nomeados, aliar teoria e realidade ao procurar compreender a imbricação entre os eventos concretos materiais e imateriais e a análise, ou seja, aquilo praticado cotidiana e geograficamente pelos sujeitos teorizando-a. Isso implica buscar refazer, invariavelmente, a teoria com a prática e vice-versa, numa revisão teórico-empírica dos fenômenos, enfim, das relações socialmente produzidas aqui, e, em especial, pela e na dinâmica migratória. Como resultado da pesquisa temos a criação de novas denominações locais, como “tijucanos” e “alagoanos”, que refletem a segregação socioespacial entre moradores locais e migrantes.

Palavra-chave: Violência simbólica; migrantes nordestinos; espaço social; consumo; signos.

DYNAMICS OF NORTHEASTERN MIGRANT WORKERS' RELATIONS IN THE TRIANGULO MINEIRO/ALTO PARANAÍBA, MG, BRAZIL

ABSTRACT

This article proposes to demonstrate the process of construction and reproduction of multiple identities and sociability existing among salaried workers, of northeastern origin, who migrated to Ituiutaba, Minas Gerais, and local residents. The migration of these workers is of a pendular character, in other definitive ones, being motivated by the offer of jobs in the sugar-energy complex, the main economic activity of the municipality. The methodology used to develop the research is initially based on the bibliographic review to search for references to understand the phenomenon and also to build a theoretical framework articulated with the other stages of the study, such as the collection of data from primary sources, through conducting fieldwork and interviews, whose objective was to identify and give voice to the social subjects involved in migrations. Thus, making it possible to examine the relationships of migrants with the use of technology, education and labor relations. It is noteworthy that the interviews, as well as the identification of the subjects and the use of their speeches, was authorized by signing a consent form. Therefore, we seek, through the tools, that is, through the named concepts, to combine theory and reality, while seeking to understand the overlap between material and immaterial concrete events and analysis, that is, what is practiced daily and geographically by the subjects and the theorizing it. This implies in an invariable attempt to remake theory with practice and vice versa, in a theoretical-empirical review of the phenomena, in short, of the socially produced relations here, in particular, by and in the migratory dynamics. As a result of the research, we have the creation of new local denominations such as “Tijucanos” and “Alagoanos” that reflect the socio-spatial segregation between local residents and migrants.

Keywords: Symbolic violence; northeastern migrants; social space; consumption; signs.

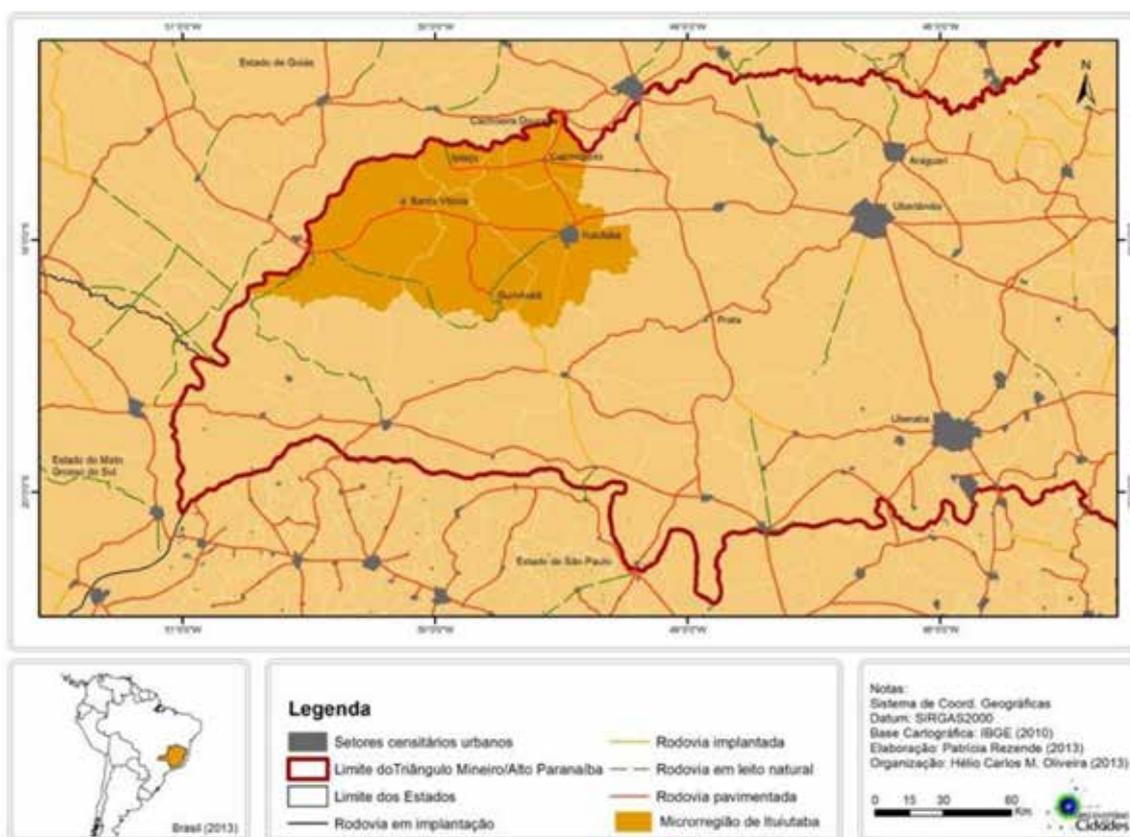
¹ Autor correspondente: Universidade de Brasília (UnB). Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Geografia. *Campus* Universitário Darcy Ribeiro, s/n. Brasília/DF, Brasil. CEP 70910-900. <http://lattes.cnpq.br/5457194230066574>. <https://orcid.org/0000-0001-6345-346X>. daniel.feo@gmail.com

² Universidade de Brasília (UnB). Brasília/DF, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/7810411653917702>. <https://orcid.org/0000-0003-1815-8677>

INTRODUÇÃO

O município de Ituiutaba, pertencente à mesorregião do Triângulo Mineiro, a oeste do Estado de Minas Gerais, localiza-se entre as coordenadas geográficas 19°00' e 19°20' Sul e 49°30' e 49°20'. O município possui uma população de aproximadamente 102.690 habitantes, sendo 95,8% residentes da zona urbana e 4,2% da zona rural, em um território de 2.598,046 Km² (IBGE, 2014). A microrregião geográfica do município de Ituiutaba não apresenta número de população elevada, sendo constituída por seis municípios: Ituiutaba, Santa Vitória, Capinópolis, Gurinhatã, Ipiacaçu e Cachoeira Dourada, como pode ser observado na Figura 1.

Figura 1 – Microrregião Geográfica de Ituiutaba (MG): cidades e municípios (2013)



Fonte: OLIVEIRA (2013).

Nos últimos tempos foram realizados investimentos no âmbito da infraestrutura urbana envolvendo conjuntos habitacionais, observando-se que o Ensino Superior e técnico foram alvo de investimentos significativos por parte da união. Ituiutaba recebeu instalações de *campus* avançados da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro. No ano de 2014 ocorreu a estadualização da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – *Campus* de Ituiutaba –, aguardada por anos, que passou a oferecer seus cursos de maneira gratuita, além de investimentos na área do setor sucroenergético, por exemplo, indústrias do agronegócio canavieiro (ARAÚJO, 2020).

O município caracteriza-se, também, entre outros aspectos, por acolher, desde meados dos anos 2000, inúmeras famílias de migrantes nordestinos que têm migrado para o cerrado para trabalhar – ou a procura de postos de trabalho – em postos de ocupação abertos por empresas do mercado do agronegócio canavieiro e, neste contexto, Ituiutaba vem despontando como uma importante cidade que abre novas possibilidades aos moradores locais e aos que migram para o município (ARAÚJO; ARAÚJO SOBRINHO, 2020a). Em termos culturais, trata-se do encontro de homens do Cerrado com os da Caatinga, do Agreste e da Zona da Mata nordestina. É, portanto, encontro de semelhantes, e muitas vezes são exaltados os aspectos geográficos como fatores para vir a essas regiões, seja no modo da lida com a terra e seu entorno ou pelos aspectos particulares de sociabilidade. Nem sempre, contudo, estas relações têm se dado de forma isenta de conflitos e manifestações de estranhamento entre moradores locais e migrantes. Assim, os tijuicanos e migrantes passam a identificar a sua identidade na diferença do outro, reafirmando, construindo e ressignificando múltiplas identidades e formas de sociabilidade durante suas trocas e vivências (ARAÚJO, 2015).

A Região Nordeste do Brasil concentra, por razões históricas, econômicas e políticas, grande número de trabalhadores em situação de vulnerabilidade socioeconômica, sem acesso ao trabalho formal ou à remuneração condizente com as demandas familiares. Este contexto explica a origem de diversos fluxos de trabalhadores que saem da região em busca de melhores oportunidades de trabalho e vida em outras regiões brasileiras (ARAÚJO, 2015).

Nos rumos do desenvolvimento desigual e concentrado³, o agronegócio canavieiro promove o encontro de trabalhadores rurais e também de homens sertanejos. Os trabalhadores e trabalhadoras da Caatinga, do Agreste e da Zona da Mata, encontram-se, por meio da migração, com o povo do Cerrado. Ao perceber que os nordestinos (genericamente chamados de “alagoanos”) são provenientes de outros lugares diferentes dos “tijuicanos”, estes se interpretam como os donos originais do espaço ocupado pelos “outros” (ARAÚJO, 2018).

A partir daí, colocam-se etnocentricamente⁵ como superiores aos que vêm de fora – especificamente da migração nordestina. Outra contradição colocada insistentemente é a rejeição aos nordestinos ao mesmo tempo em que é afirmado um jargão bastante divulgado: “não existem preconceitos contra nordestinos (as)”. Em certos níveis, não se trata de uma rejeição violenta, mas, sim, identitária, que faz com que os tijuicanos não se reconheçam como tal, como parte de um mesmo contexto, como massas manipuladas de uma mesma engrenagem produtiva (ARAÚJO, 2018).

³ A lei do desenvolvimento desigual é combinada à teoria formulada pelo revolucionário marxista russo León Trotsky, que compreende a ocorrência simultânea como um processo de desenvolvimento econômico, de aspectos avançados e atrasados nos países periféricos do sistema mundial, nos quais um setor extremamente moderno da economia pode conviver de forma combinada com o mais atrasado, resultando numa formação social particular, porém única, sem grandes contradições entre as classes dominantes (LOWY, Michael. Teoria do desenvolvimento desigual e combinada. *Revista Actuel Marx*, 18, 1995. Tradução Henrique Carneiro.

⁴ Tijuicano é o nome dado à pessoa que nasceu no município de Ituiutaba.

⁵ Etnocentrismo é um conceito antropológico que ocorre quando um determinado indivíduo ou grupo de pessoas, que têm os mesmos hábitos e caráter social, discrimina outro, julgando-se melhor ou pior, seja por causa de sua condição social, pelos diferentes hábitos ou manias, por sua forma de se vestir, ou até mesmo pela sua cultura (OLIVEIRA, R. C. *Identidade ética, identificação e manipulação*. São Paulo: Editora Thomson, 1976).

No cenário brasileiro os trabalhadores pobres que migram do Nordeste são, especialmente, vitimados pelo preconceito. De acordo com Araújo (2015), no caso da migração nordestina existe uma imagem – quase que sempre – vinculada à ideia equivocada de que são retirantes, miseráveis e famintos. Esta opinião desfavorável à imagem de homens e mulheres nordestinas vem constituindo estereótipos – os mesmos são reproduzidos pela mídia (ARAÚJO, 2018).

A partir dos anos 2000, a região do Pontal do Triângulo Mineiro⁶ tem sido impactada pelo intenso investimento no setor agroindustrial, isto é, reflexo de um cenário mundial que passou pelas formas alternativas de produção de energia, com o intuito de minimizar a dependência da economia com base no petróleo (ARAÚJO; ARAÚJO SOBRINHO, 2020b). Segundo dados da União das Indústrias de Cana-de-Açúcar (UNICA, 2020), a região Centro-Sul do Brasil concluiu a safra 2019/2020 com 590,36 milhões de toneladas de cana-de-açúcar processadas, crescimento de quase 3% sobre as 573,17 milhões de toneladas registradas na temporada 2018/2019. O Brasil é, hoje, o país que possui a maior área plantada e a maior produção de cana-de-açúcar no mundo (FAO, 2020). É, também, o maior produtor e exportador (40% do comércio global) de açúcar e o segundo maior produtor de etanol, atrás dos EUA (USDA, 2020). Nesse sentido, podemos afirmar que o setor sucroenergético brasileiro é altamente competitivo internacionalmente, tendo grande liderança nas tecnologias de produção, logística e comercialização de açúcar e etanol. O Estado de Minas Gerais, de acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB, 2019), constitui um dos maiores produtores de cana-de-açúcar do país, perdendo apenas para São Paulo e Goiás.

A expansão da produção de cana-de-açúcar tem reestruturado o espaço agrário de todos os municípios da Microrregião de Ituiutaba, alterando as relações de produção, substituindo culturas e concentrando terras e, conseqüentemente, por demanda de trabalhadores(as) migrantes. Entre estes, mais uma vez, percebe-se a grande incidência de nordestinos e nordestinas, cujo destino os vincula, predominantemente, aos postos de trabalho manual/rural (ARAÚJO, 2015, 2018). Estes trabalhadores, na sua maioria, estão empregados no plantio e corte da cana-de-açúcar dentre outras atividades na cadeia produtiva do setor sucroenergético (ARAÚJO, 2015).

Objetiva-se, portanto, neste artigo, demonstrar o processo de construção e reprodução das múltiplas identidades e sociabilidades existentes entre os trabalhadores assalariados, de origem nordestina, que migram para Ituiutaba, Minas Gerais, e os moradores locais. Isso possibilita examinar as relações dos migrantes com o uso de tecnologias, educação e relações de trabalho.

A metodologia utilizada iniciou-se com uma pesquisa documental para o entendimento da dinâmica do fenômeno a ser estudado e também para construir um referencial teórico. Esse levantamento foi feito por meio da leitura de livros, dissertações, teses, periódicos, jornais, *sites*

⁶ O Triângulo Mineiro é uma das dez regiões de planejamento do Estado de Minas Gerais no Sudeste do Brasil. Está situado entre os rios Grande e Paranaíba, formadores do Rio Paraná. Faz parte da Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Uberlândia, Uberaba, Araguari, Patos de Minas, Araxá, Ituiutaba e Patrocínio são as principais cidades do Triângulo Mineiro (Disponível em: <http://www.mg.gov.br/governomg/comunidade/governomg/conhecaminas/folclore/5146?op=estruturaConteudo&coConteudo=54761&coSeqEstrutura=394&coEstruturaPai=12>).

de entidades e demais documentos que se fizeram pertinentes à temática. Em um segundo momento passou-se à fase de trabalhos de campo para identificar os sujeitos sociais⁷ que compõem o universo empírico da presente pesquisa.

Assim, o recorte espacial deste estudo localiza-se na zona oeste da cidade de Ituiutaba, no Bairro Novo Tempo II, pois o mesmo abriga parcela significativa de migrantes vindos do norte e nordeste do país. Para este momento foram entrevistadas 20 famílias destes migrantes (pais e filhos), principalmente aos finais de semana e feriados, períodos em que as mesmas tinham possibilidade de tempo livre e se encontravam receptivas para as entrevistas. O objetivo das entrevistas foi buscar recolher respostas para uma série de questões de interesse desse estudo, sobretudo a partir da experiência vivenciada pelos migrantes selecionados para entrevista. Esses possuíam informações que desejavam conhecer e averiguar. Desta maneira, como na análise de Demo (2001, p. 10) sobre pesquisa qualitativa, os dados não são apenas coletados, mas também são resultado de interpretações e reconstruções do pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade.

Nesse percurso de descobertas as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer perspectivas. Possibilita, ainda, identificar problemas, microinterações, padrões, detalhes, interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada.

Foram entrevistadas 20 famílias de origem nordestina com o intuito de examinar as relações dos migrantes com o uso de tecnologias, educação e relações de trabalho, bem como algumas reflexões produzidas no encontro imediato com a realidade estudada nos cadernos de campo. É imprescindível destacar que as entrevistas, bem como a identificação dos sujeitos e o uso de suas falas, foram autorizadas mediante assinatura de termo de consentimento

Ressalta-se que a pesquisa em questão é de natureza qualitativa, uma vez que consiste em obter dados descritivos mediante contato interativo e direto com o respectivo objeto de estudo. Segundo Gatti (2001), as

[...] alternativas apresentadas pelas análises chamadas qualitativas compõem um universo heterogêneo de métodos e técnicas, que vão desde a análise de conteúdo com toda sua diversidade de propostas, passando pelos estudos de caso, pesquisa participante, estudos etnográficos, antropológicos, etc. (p. 73).

Ao utilizar métodos qualitativos é importante analisar o processo social, descrevê-lo e interpretá-lo. Para o estudo de caso pretende-se examinar, o mais detalhadamente quanto for possível, o meio cultural do bairro estudado e o grupo social que se deslocara para tal região para servir como força de trabalho para o agronegócio.

O texto está dividido em duas seções, além desta introdução, considerações finais e referências bibliográficas. Na primeira seção, para elaborar as categorias de análise e verificar como Bourdieu foi apropriado/mobilizado no contexto dos migrantes nordestinos em Ituiutaba, partiremos dos conceitos utilizados pelo sociólogo francês para entender como esses conceitos são úteis, como uma importante teoria para pensar as relações sociais dentro desta pesquisa.

⁷ Alguns destes sujeitos sociais passaram a colaborar com esta pesquisa na qualidade de depoentes. Sabe-se que o Comitê de Ética da UFU recomenda o uso do termo “participante”. Utilizamos, no entanto, apenas a expressão “sujeitos sociais”, pois este é um conceito já consagrado no âmbito das ciências humanas.

Ou seja, buscamos analisar os conceitos de “campo”, “*habitus*”, “capital simbólico” e “violência simbólica” e como sua perspectiva de análise relaciona-se com esta pesquisa. Na segunda seção examinou-se a construção e reprodução das múltiplas identidades e sociabilidades existentes entre os trabalhadores rurais de origem nordestina migrantes para Ituiutaba, Minas Gerais. Ao tornar admissível esta compreensão, foi imprescindível determinar em quais contextos estas identidades e sociabilidades são construídas, ou melhor, de que forma a comunidade circundante, com seus pensamentos, memórias e valores, intervêm nessas relações sociais. Evidenciamos, na fronteira, as relações de contato, conflito e alteridade entre tijuicanos e nordestinos, apreendendo os conflitos de visões de mundo, de projetos, de racionalidades, isto é, do encontro de dois mundos pelo embate de tempos e espaços diferentes.

Sendo assim, buscamos, por meio das ferramentas, ou seja, pelos conceitos nomeados, aliar teoria e realidade ao procurar compreender a imbricação entre os eventos concretos materiais e imateriais e a análise, quer dizer, aquilo praticado cotidiano e geograficamente pelos sujeitos e a teorização. Isso implica buscar refazer, invariável, a teoria com a prática e vice-versa, numa revisão teórico-empírica dos fenômenos, enfim, das relações socialmente produzidas aqui, em especial pela e na dinâmica migratória. Como resultado da pesquisa temos a criação de novas denominações locais, como “tijuicanos” e “alagoanos”, que refletem a segregação socioespacial entre moradores locais e migrantes.

Finalizamos este trabalho ao apresentar as contribuições construídas, apontando uma proposta teórica e metodológica para a dinâmica sociocultural que permite relacionar contextos econômicos, políticos e culturais entre níveis micro e macroestruturais.

PERCURSO METODOLÓGICO: Operando com Conceitos de Bourdieu

O sociólogo Pierre Bourdieu nasceu na França em agosto de 1930 e morreu em 2002, vítima de câncer. Sua formação em Filosofia contribuiu para o desenvolvimento de pesquisas em outras áreas, como da Antropologia, e foi imprescindível em seus estudos sobre a guerra anticolonialista na Argélia, onde pôde acompanhar de perto os conflitos de independência. Bourdieu havia sido enviado pelo governo francês à Argélia na missão de pacificação por “motivos disciplinares”, posto que foi convocado para participar da guerra e se mostrar rebelde à autoridade militar. Assim, ao retornar à França, deu conferências, palestras e aulas de Sociologia em universidades, como Sorbonne e Universidade de Lille, tornando-se, depois, diretor de Estudos da École des Hautes Études em Sciences Sociales.

O pensamento teórico de Bourdieu é considerado e tratado como um clássico pelas ciências humanas (sociologia, história, filosofia, geografia, antropologia, entre outros). O autor contribuiu para a ciência acadêmica de diferentes maneiras com suas obras. Ele dedicou-se a compreender os mecanismos de reprodução das desigualdades sociais. Deste modo, a sociologia reflexiva, proposta pelo sociólogo Pierre Bourdieu, serviu de referência teórica para analisar os problemas suscitados da pesquisa que investiga as relações imprimidas no cotidiano na cidade de Ituiutaba a partir das práticas de seus agentes. Neste sentido, é preciso salientar a acuidade dos conceitos desenvolvidos por Bourdieu para este estudo, especialmente em seu livro intitulado *O senso prático* (2009), no qual define o conceito de *habitus* do seguinte modo,

os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente “reguladas” e “regulares” sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro (p. 87).

De acordo com Bourdieu (2009), os agentes somente conseguem participar do “jogo” se dotados de um ínfimo de capital específico⁸ do campo em que se posiciona. Os campos, por onde os agentes circulam levados pela imprescindibilidade de estar no jogo social, são o *locus* em que atuam, quando se capitalizam e modificam-se os *habitus* em decorrência da mobilização de tipos díspares de capital. De tal modo, em cada campo prevalece um capital específico (artístico, científico, religioso, entre outros) que atua como um elemento próprio daquele campo, cuja domínio é a condição para que os agentes continuem no jogo (social) e nele possam, em virtude de suas jogadas, acumular mais desse capital específico. A disputa que ocorre em determinado campo são os “lances” e as “jogadas” que vão depender do volume e da estrutura do capital acumulado pelos agentes em suas experiências anteriores em distintos campos em articulação com o capital específico do campo.

Esse processo dos agentes (trajetórias/estratégias) no espaço social, percorrendo os diversos campos com relação às características de acordo com as ambições que os instigam, sempre consistentes com os *habitus* de que são dotados, repercute na transformação da estrutura e do volume de capitais dos díspares agentes. Logo, as possibilidades de modificação dos *habitus* podem ser refletidas: (i) a partir da movimentação e das lutas travadas dentro de um campo e (ii) pelo movimento entre distintos campos sociais. Para além disso, a alteração do *habitus* pode acontecer ainda por um trabalho de análise reflexiva sobre as próprias disposições (BOURDIEU, 2009).

Bourdieu (2009) fundamenta-se numa análise que vai de encontro aos pressupostos teóricos e faz uma revisão e reflexão das insuficiências teóricas para o conhecimento sociológico de tradições acadêmicas bem-consolidadas, por exemplo a sociologia funcionalista durkheimiana, o weberianismo, o estruturalismo Lévi-straussiano, o materialismo histórico, a linguística de Saussure e o existencialismo de Sartre; são estas tradições que têm uma perspectiva da realidade em planos diferentes, tal como: o objetivo e o subjetivo, escolhendo uma ou outra dimensão de uma mesma realidade, residindo nesta perspectiva a insuficiência de suas análises para a sociologia.

Para Bourdieu (2009), essas tradições oferecem uma ótica enviesada, uma vez que estão preocupadas, desde o início, em justificar sua supremacia que compõe a realidade de uma ordem fixadora, material, estrutural, objetiva ou se insurge de processos subjetivos, dialéticas, linguagem e cultura. O autor rejeita a dicotomia entre fatores objetivos e subjetivos que tratam os acontecimentos sociais como lógicas, dinâmicas, simultaneamente, “semirreflexa”

⁸ “[...] a lógica específica de cada campo determina aquelas que funcionam neste mercado, que são pertinentes e eficientes no jogo considerado, que, na relação com este campo funcionam como capital específico, e desta forma, como fator explicativo das práticas. [...] a posição social e o poder específico que os agentes obtêm em um campo particular dependem, sobretudo do capital específico que eles podem mobilizar” (BOURDIEU, 1979, p. 127).

e “semirreflexiva”, um empenho que combina estruturação, processo, contradição, o *habitus*, essa dimensão que defende uma compreensão global dos fenômenos e visivelmente caótica que produz e manifesta de maneira ordenada a ação, que aparece aos olhos do ordinário como: determinação, fortuidade ou escolha (BOURDIEU, 2009).

A partir da aspiração do pesquisador em realizar uma exposição da sua pesquisa desde o “real”, é o esquecimento de que realiza uma descrição científica dirigida de um fenômeno que ressalta regido por pré-noções do campo de conhecimento que preferir. “O intelectualismo está inscrito no fato de introduzir no objeto a relação intelectual com o objeto, de substituir a relação prática pela relação do objeto que é do observado” (BOURDIEU, 2009, p. 57). Deste modo, os problemas nomeados são de instância epistemológica do campo científico. O desígnio é arbitrário do campo científico sobre o campo pesquisado e não se deve negligenciar esta ordem na relação (BOURDIEU, 2009). O pesquisador tem,

(...) o estatuto de espectador, que se retira da situação para observá-la, implica uma ruptura epistemológica, mas também social, que jamais governa de forma tão sutil a atividade científica senão quando ela para de se mostrar como tal, conduzindo a uma teoria implícita da prática que é correlativa ao esquecimento das condições sociais de possibilidade da atividade científica (...) (BOURDIEU, 2009, p. 56-57).

Para o autor, o processo de produção do conhecimento estabelece uma postura reflexiva, que perpassa por uma rigorosa vigilância epistemológica das teorias e métodos de pesquisa. Assim, pondera ser imprescindível apresentar o processo de constituição do objeto, uma vez que esse necessita ser compreendido dentro de sua lógica de construção. Isto, portanto, constitui não perder de vista que é o pesquisador quem seleciona as questões que são pertinentes a serem pensadas, conduzido por teorias e métodos de um campo de pesquisa dado.

Na perspectiva sociológica reflexiva, Bourdieu (2002) sugere evitar zonas de “irrefletidos” no processo de construção do conhecimento e, assim, a análise deve estar situada em termos da constituição de um campo. O pesquisador precisa compreender que condições lhe permitiram constituir dado objeto, qualificando o percurso da pesquisa, pois isso permite a compreensão da epistemologia que viabilizou a compreensibilidade do seu objeto, ou seja, preocupa-se metodicamente em evitar a “alienação” da pesquisa científica.

Diante disso, a recusa de uma perspectiva restrita ao objetivismo e ao subjetivismo expressa-se nos métodos. Para a sociologia bourdieusiana, é indissociável e heterodoxo utilizar-se do cruzamento dos métodos e das técnicas com severidade científica acerca do objeto que é definido pelo pesquisador, de acordo com o que o cientista permite prosseguir sobre ele, valendo-se de modos pertinentes e criativos de desvelá-lo mais nitidamente:

(...) a pesquisa é uma coisa demasiado séria e demasiado difícil para se poder tomar a liberdade de confundir a rigidez, que é o contrário da inteligência e da invenção, com o rigor, e se ficar privado deste ou daquele recurso entre os vários que podem ser oferecidos pelo conjunto das tradições intelectuais da disciplina – e das disciplinas vizinhas: etnologia, economia, história. Apetecia-me dizer: “É proibido proibir” ou “Livrai-vos dos cães de guarda metodológicos” (BOURDIEU, 2002 , p. 26).

Para tal, Bourdieu utiliza os conceitos de “campos”, “*habitus*”, “violência simbólica” e “capital simbólico”. Na concepção da orientação dada a este trabalho, na construção da sua própria subjetividade, cada sujeito é *sintaxe* de significações e referências diferentes aos acontecimentos em sua volta a partir do “outro”.

Para os nascidos em Ituiutaba e autodenominados tijuicanos⁹, a figuração do “outro” é portada pelo que eles designam de “alagoanos”, ou seja, o grupo formado por quaisquer migrantes vindos dos Estados do Norte e Nordeste do Brasil. Para, portanto, destacar dicotomias profundamente apreendidas dos dois grupos em Ituiutaba, os “alagoanos” são colocados na condição subalterna, entre estigmas, desqualificação social e violência simbólica, conforme destaca Bourdieu (2011). São indivíduos constituídos a partir das interações pautadas pela desigualdade e segregação e desvalorização entre moradores locais e migrantes.

Descrevemos, ao longo do texto, os elementos presentes nas entrevistas dos migrantes nordestinos e tijuicanos, sobretudo para saber o significado de quem é “tijuicano” e quem é “alagoano”. Foi possível verificar, durante a pesquisa, que o “alagoano” é um sujeito rejeitado e estigmatizado pelos tijuicanos, operadores de uma violência simbólica desempenhada pelo poder das palavras que recusam, oprimem e aniquilam psicologicamente o outro. De acordo com Bourdieu (2001):

A violência simbólica é essa coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (portanto, à dominação), quando dispõe apenas, para pensá-lo e para pensar a si mesmo, ou melhor, para pensar sua relação com ele, de instrumentos de conhecimento partilhado entre si e que fazem surgir essa relação como natural, pelo fato de serem, na verdade, a forma incorporada da estrutura da relação de dominação; ou então, em outros termos, quando os esquemas por ele empregados no intuito de se perceber e de se apreciar, ou para perceber e apreciar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro, etc.), constituem o produto da incorporação das classificações assim naturalizadas, cujo produto é seu ser social (p. 206-207).

A violência simbólica é realizada pelos administradores do Estado, que têm o monopólio de uma violência simbólica legítima, o que abarca a Justiça, instituição, na maior parte das ocasiões, impermeável aos migrantes e seus descendentes. Muitas vezes a dominação é realizada a partir de forças inconfundíveis, como armas ou dinheiro. Ainda assim, sempre há uma dimensão simbólica na dominação. O Estado, com todas as suas constrições e disciplinas, é mediador e construtor de violências simbólicas:

O Estado não tem forçosamente necessidade de dar ordens, e exercer uma coerção física, ou uma coerção disciplinar, a fim de produzir um mundo social ordenado: pelo menos enquanto estiver em condições de produzir estruturas cognitivas incorporadas que estejam ajustadas às estruturas objetivas e, assim, garantir a submissão à ordem estabelecida (BOURDIEU, 2001, p. 217).

Não obstante, a sociedade civil também evidencia sua capacidade de violentar simbolicamente o outro, como fazem os tijuicanos em Ituiutaba. Aos “alagoanos” são atribuídos o estigma do “marginal”, segundo a tese de que a miséria sempre gera criminalidade, o que legitima uma violência simbólica. Os tijuicanos tomam consciência de suas posições no mundo social quando

⁹ O nativo de Ituiutaba é denominado “tijuicano” ou “ituiutabano”.

mantêm relações de força com os “alagoanos”, quando rotulam e nomeiam o outro de acordo com o seu capital simbólico, que nada mais é que as distintas propriedades que os agentes constroem para determinarem suas posições nos espaços sociais, o que só é expressivo quando conhecido e reconhecido pelos outros agentes:

O capital simbólico assegura formas de dominação, que envolvem a dependência perante os que ele permite dominar: com efeito, ele existe apenas na e pela estima, pelo reconhecimento, pela crença, pelo crédito, pela confiança dos outros, logrando perpetuar-se apenas na medida em que consegue obter a crença em sua existência (BOURDIEU, 2001 , p. 202).

Os estigmatizados (como nordestinos em Minas Gerais) carregam a maldição de um capital simbólico negativo. Todo tipo de capital (social, econômico, cultural) tende a funcionar como capital simbólico. Isto é, existem inúmeros efeitos simbólicos do capital. Qualquer capital transforma-se em capital simbólico quando se torna força, poder, capacidade de exploração reconhecida e legítima. Todo este poder é dado pelas estruturas cognitivas.

Mais precisamente, o capital existe e age como capital simbólico (proporcionando ganhos como diz, por exemplo, a constatação-preceito, *honesty is the best policy*) na relação com um habitus predisposto a percebê-lo como signo e como signo de importância, isto é, a conhecê-lo e a reconhecê-lo em função de estruturas cognitivas aptas e tendentes a lhe conceder o reconhecimento pelo fato de estarem em harmonia com o que ele é. Produto da transfiguração de uma relação de força em relação de sentido, o capital simbólico nos livra da insignificância, como ausência de importância e sentido (BOURDIEU, 2001 , p. 296).

Ao categorizarmos o outro (enaltecemos, congratulamos, elogiamos, afrontamos, subjulgamos, criticamos ou acusamos) estamos determinando e reconhecendo nossas próprias posições sociais. Nós reconhecemos a posição que ocupamos no espaço social por meio, e tão somente, da prática nas relações sociais que mantemos com os outros grupos sociais e que nunca é estática ou unilateral. O tijucano, portanto, transfere para o “alagoano” os pontos negativos existentes em sua comunidade (pobreza, violência, criminalidade, entre outros), com o intuito de preservar sua própria identidade, pois é uma forma de defesa que se baseia no ataque.

Para tornar admissível esta compreensão, foi imprescindível determinar em quais contextos estas identidades e sociabilidades são construídas, ou melhor, de que forma a comunidade do Bairro Novo Tempo, com seus pensamentos, memórias e valores, intervém nestas relações sociais.

Nessa perspectiva, as ponderações sobre espaços sociais formuladas por Bourdieu (1996) vão ao encontro das particularidades encontradas nos espaços do Bairro Novo Tempo II, na cidade de Ituiutaba, MG. Segundo Bourdieu (1996), o pesquisador deve sempre objetivar apreender aquelas estruturas e mecanismos inconscientes para os próprios sujeitos que as vivenciam e atualizam. A construção e reprodução dos espaços sociais são algumas destas estruturas e mecanismos, e escapam tanto ao olhar dos “tijucanos” quanto ao olhar dos migrantes, determinantes das regras de um jogo e da posição de seus jogadores, mesmo quando estes não reconhecem que fazem parte dele:

Para resumir essa relação complexa entre as estruturas objetivas e as construções subjetivas, situadas além das alternativas comuns do objetivismo e do subjetivismo, do estruturalismo e do construtivismo e até do materialismo e do idealismo, costumo citar, deformando-a ligeiramente, uma fórmula célebre de Pascal: “O mundo me contém e me engole como um

ponto, mas eu o contendo”. O espaço social me engloba como um ponto. Mas esse ponto é um ponto de vista, princípio de uma visão assumida a partir de um ponto situado no espaço social, de uma perspectiva definida em sua forma e em seu conteúdo pela posição objetiva a partir da qual é assumida. O espaço social é a realidade primeira e última já que comanda até as representações que os agentes sociais podem ter dele (BOURDIEU, 2001, p. 27).

Para Bourdieu (2001), as diferenças e conflitos (expressos nos espaços sociais) existem e persistem. Bourdieu (2001), entretanto, destaca que isso não significa aceitar ou afirmar a existência predeterminada de classes. “O que existe é um espaço social, um espaço de diferenças, no qual as classes existem de algum modo em estado virtual, pontilhadas, não como um dado, mas como algo que se trata de fazer” (BOURDIEU, 2001, p. 26-27). Assim, é dentro de espaços sociais diferenciados que são construídas as instâncias do capital simbólico, e isso explica as inúmeras violências e dominações simbólicas das diversas esferas da vida em sociedade. As diferenças simbólicas, construídas por espaços sociais distintos, passam a constituir uma verdadeira linguagem; logo, levam as sociedades a sistemas simbólicos e signos distintivos.

O espaço social deve ser construído como estrutura de posições diferenciadas, definidas pelo lugar que ocupam na distribuição de um tipo específico de capital. A construção dos diversos capitais dá maior ou menor poder a um agente ou grupo, e é amparada por Bourdieu (2001) que o chama de *illusio* dentro das estratégias de um jogo. *Illusio* é estar preso ao jogo, estar envolvido no jogo, acreditar que o jogo vale a pena e vale a pena jogar:

Os jogos sociais são jogos que se fazem esquecer como jogos e a *illusio* é essa relação encantada com um jogo que é o produto de uma relação de cumplicidade ontológica entre as estruturas mentais e as estruturas objetivas do espaço social. Isso é o que quero dizer ao falar de interesse: vocês acham importantes, interessantes, os jogos que têm importância para vocês porque eles foram impostos e postos em suas mentes, em seus corpos, sob a forma daquilo que chamamos de o sentido do jogo (BOURDIEU, 2001, p. 140).

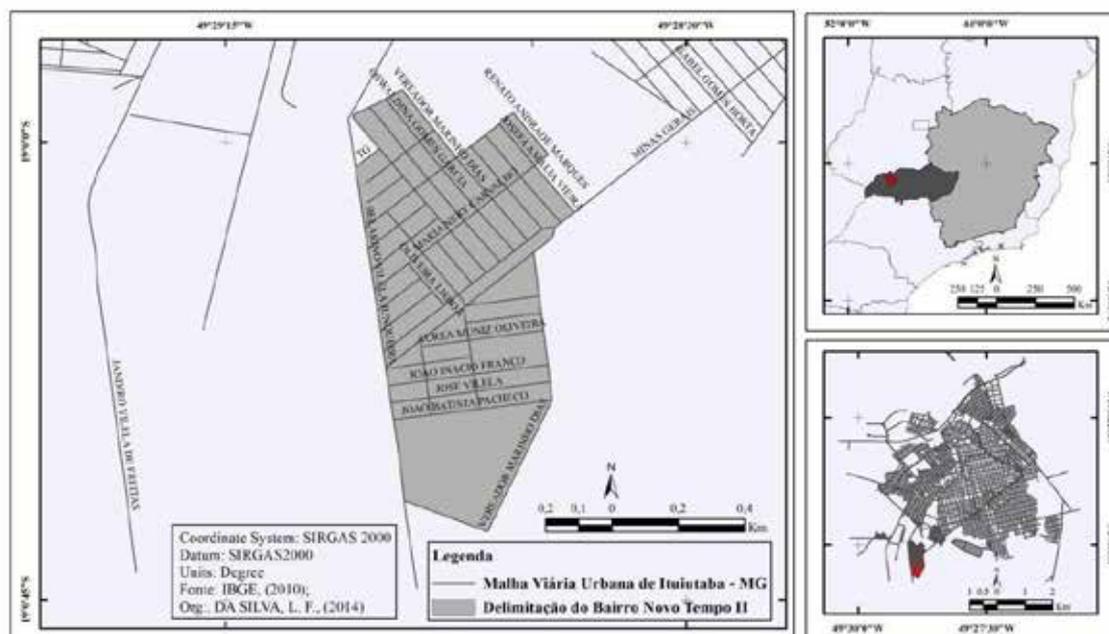
Assim, optamos por escolher como parte do recorte espacial desta pesquisa, o Bairro Novo Tempo II, onde reside a maioria dos migrantes nordestinos que vivem em Ituiutaba à luz das perspectivas teóricas de Bourdieu. Os dados apresentam extrema importância e mereceram proeminência nesta etapa do trabalho, porque demonstram elementos em Ituiutaba consideráveis para as reflexões sobre grupos, redes sociais e identidades com os quais nos deparamos na cidade. Assim, muitas das diferenças sociais, políticas e culturais dos sujeitos sociais são cerceadas pelas suas diferenças históricas e demográficas.

Deste modo, na próxima seção almejamos compreender a construção e a reprodução das múltiplas identidades e sociabilidades existentes entre os trabalhadores assalariados, de origem nordestina, que migram para Ituiutaba-MG e os tijucanos, possibilitando, assim, examinar as relações dos migrantes com tecnologias, educação e o mundo do trabalho.

OS MIGRANTES NORDESTINOS NO BAIRRO NOVA TEMPO II EM ITUIUTABA/MG

O recorte espacial desta pesquisa localiza-se na zona oeste da cidade de Ituiutaba (Figura 2). O bairro Novo Tempo II formou-se a partir de uma ocupação irregular no começo da década de 90 do século 20 por moradores naturais do município e por migrantes que vinham das mais distintas regiões – sendo mais intensa a migração nordestina – para trabalhar na agroindústria canavieira.

Figura 2 – Mapa de localização do Bairro Novo Tempo II



Fonte: IBGE (2014). Elaboração: Daniel Féo Castro de Araújo.

Segundo o Decreto nº 3.672, de 15 de fevereiro de 1993, o Conjunto Habitacional Novo Tempo II surgiu a partir de um plano que aprovou a urbanização deste bairro de Ituiubata. O conjunto foi financiado pela Caixa Econômica Federal que, por meio da doação do terreno pela Prefeitura, tornou possível a construção das casas a partir da Construtora Guimarães Castro Ltda., e depois as comercializou. Conforme o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população total do bairro era de 2.190 habitantes, sendo composta por 47,76% de mulheres e 52,24% de homens.

Com a ocupação do solo urbano, e uma série de necessidades a serem cumpridas para a garantia da qualidade de vida, o novo bairro começou a receber obras para sua consolidação, entre elas: rede de esgoto, rede de energia elétrica e pavimentação. Atualmente a totalidade do bairro conta com energia elétrica, rede de esgoto, água tratada e ruas asfaltadas.

A população do bairro compartilha dos serviços de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) com atendimento médico e odontológico diário. Conta, também, com o *Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente “Aureliano Joaquim da Silva”* (Caic) e a associação de bairro, que sempre se mostrou ativa em relação aos interesses dos moradores para a melhoria do mesmo.

O bairro possui uma associação de moradores que é formada por 25 artesãos migrantes que encontraram no artesanato uma forma de manifestação cultural e auxílio à integração e ao desenvolvimento de sua comunidade. Esta associação encontra-se aberta às segundas, quartas e sextas-feiras, das 13 horas às 16:00 horas, com atendimento ao público para fins de produção de artesanato, disseminação de conhecimentos a respeito do artesanato, geração de renda e compartilhamento de técnicas e vivências.

Na Associação Comunitária do Bairro Novo Tempo II produz-se e dissemina-se, por meio de cursos e oficinas, as mais diferentes técnicas artesanais que foram compartilhadas de geração em geração nas diferentes origens dos artesãos, que passaram a materializar, em seus produtos, diferentes valores e conceitos. Observamos que a construção da identidade em torno do artesanato regional nordestino no Bairro Novo Tempo II está em vias de construção, processo que Bourdieu (1983, p. 83) caracterizou por meio do conceito de “estilo de vida”, isto é,

(...) um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou hexis corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo [...] formando uma espécie de cultura própria ou pertinente a um dado grupo, constituindo [...] um habitus (...) (p. 83).

Por meio do conceito de *habitus* de Bourdieu (2001) permite-se conciliar a aparente contradição entre a realidade exterior e a realidade interior. É possível explorar o real e o que se encontra ou emerge do cotidiano destes sujeitos. Assim, a noção de *habitus* é capaz de expressar a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo, ou seja, trata-se um sistema de apreciações, percepções e ações que permitem as disposições estruturadas (estruturas) funcionem como disposições estruturantes (ações), e se voltem para as experiências práticas, constantemente orientadas para os comportamentos do cotidiano.

Neste sentido, interessam as ações empreendidas pelos sujeitos, os moradores, aqueles que habitam esses espaços, e, por isso, qualificam as relações sociais no âmbito familiar ou mesmo da vizinhança, constituindo um vertiginoso invólucro de costumes e práticas que se cristalizam e se reproduzem cotidianamente.

A Relação com as Tecnologias

Todos os migrantes trabalhadores nordestinos entrevistados relataram ter contato com tecnologias e fazer uso delas. De acordo com Bourdieu (2015), a submissão às sanções do mercado coloca um campo estruturado que produz seus consumidores e causa, em alguma medida, a prática em um sistema de hierarquia das legitimidades. Ou seja, para Bourdieu (2015), é o mundo das empresas da internet que estabelece uma estrutura objetiva e que administra as relações do sistema de produção e circulação dos bens simbólicos. As corporações como Spotify, Facebook e Google, têm uma estrutura interna, modelos de negócios, arranjos produtivos e determinados tipos de interconexão que operam como interesses de consagração que colocam hierarquias e influenciam as práticas dos consumidores.

Podemos abordar a internet pelos modelos de negócio que a constroem. É admissível assegurar que os arranjos produtivos das empresas acabam por causar uma conglobação deste mercado simbólico, o qual, a despeito da produção discursiva sobre o potencial emancipador da rede, fornecendo produtos para legitimar formas de bens e consumos hegemônicos da veemência de poucos grupos produtores como proposto pelo sociólogo. Assim, cada um dos migrantes entrevistados relatou ter telefone celular e televisão, fazendo uso da internet em espaço privado ou público. Durval Pereira, 19 anos, ressalta a dificuldade do acesso à tecnologia à medida que este objeto de consumo tem um valor e este valor não torna possível o acesso a todos os indivíduos.

Tenho uma relação muito boa com a tecnologia, uso celular e computador; em casa tenho computador, mas como não tenho internet, é caro, vou muito usar a biblioteca da UFU, quando tenho dinheiro vou à Lan-House (Durval Pereira).

A partir da narrativa do entrevistado podemos relacionar com Bourdieu (2015), quando afirma que a tecnologia e a informação são mercadorias com uma circunstância econômica equilibrada, em que o indivíduo tem condição de fazer uso “livre” desta mercadoria. Quando consideramos o trabalho temos, também, uma compreensão dos imperativos de busca por signos de distinção social que vão além do fetiche da posse. Assim, para o migrante, a possibilidade de ter algo que representa um signo de distinção social pode ser um sinal de mudança de condição.

José Everaldo relata ter e fazer uso de tecnologia, e aponta para a dificuldade e custos da mesma: “Tenho telefone celular e televisão em casa, mas a internet só uso na *Lan-House*”.

De forma semelhante, o entrevistado Igor Batista relata: “Uso internet pelo celular, tenho televisão em casa”. Todos estes entrevistados, quando não estavam sendo gravados, relataram a dificuldade em adquirir estas tecnologias, mas destacaram a importância das mesmas, pois se tratava de ter uma distração para enfrentar as dificuldades. Não é possível afirmar que ter acesso ao equipamento tecnológico tem o intuito de suprir uma necessidade impulsionada pelo fetiche, mas seja para o migrante seja para o tijuicano, trata-se de uma forma de estar inserido numa sociedade capitalista, na qual o “ter” também lhe qualifica na condição de “ser”, e traz a sensação de estar junto aos seus.

A Educação Escolar

No contexto do neoliberalismo, a educação encontra-se notadamente alinhada aos pressupostos da reprodução do capital, evidenciando um cenário de ajuste da educação escolar às demandas do mercado e, paralelamente, de secundarização da formação cidadã. Desta forma, a escola, enquanto reflexo da sociedade, é também um lócus onde as desigualdades socioeconômicas ganham materialidade por meio da reprodução de relações de poder e da luta de classes. De acordo com Bourdieu, Nogueira e Catani (2013, p. 59),

[...] ao atribuir aos indivíduos esperança de vida escolar estritamente direcionadas pela sua posição na hierarquia social, e operando uma seleção que – sob as aparências na equidade formal – sanciona e consagra as desigualdades reais, a escola contribui para perpetuar as desigualdades ao mesmo tempo que as legitima.

O migrante João Pedro, de 25 anos, retratou seu entendimento sobre o tema:

Se eu não tivesse começado a trabalhar cedo, ajudando tanto em casa, poderia ter estudado mais. Tive que deixar os livros para poder trabalhar; hoje está mais difícil. Moro com minha mãe e pago aluguel. Já tentei o Enem por duas vezes e ainda não consegui passar. [...] Percebo as diferenças e dificuldades presentes na sociedade brasileira. Quem tem uma condição financeira melhor está sempre um passo à frente. Cursos como medicina são um sonho para o pobre. É uma vergonha para mim não ter entrado numa faculdade. Acabei deixando o estudo de lado para trabalhar e pagar as contas. Neste momento eu não vivo, apenas sobrevivo. É uma realidade que quero mudar [...] Eu penso que a formação para professor é um curso que o cara tem que gostar muito, é muito desvalorizado. Um motorista tem apenas a quarta série e uma carteira e ganha muito mais. [...] Para ser gari hoje tem que ter Ensino Fundamental, o sistema seleciona as pessoas.

No entendimento de Bourdieu, Nogueira e Catani (2013), pelo processo histórico de experiências de êxito e de fracasso, os grupos sociais vão construindo um conhecimento prático não plenamente consciente pelo agente, todavia podemos identificar aquilo que está e não está ao alcance dos membros do grupo, dentro da realidade social na qual os agentes estão inseridos e das configurações mais adequadas de ação. Dito isso, o entrevistado assegura que só com o tempo e com as novas demandas postas pela sociedade capitalista é que pôde compreender sobre a importância do trabalho para ajudar em casa, pois não tinha alternativas naquele momento da sua vida, e a única maneira que enxergou foi abandonar os estudos.

O segundo entrevistado, José Everaldo, tem uma visão bastante particular sobre o tema educação: “Entendo educação como sendo respeito aos amigos e à família; escola para mim é a base de tudo”. O entrevistado Durval tem uma visão bastante próxima da visão de José Everaldo: “Educação para mim é a questão do respeito, já escola tem a função de ensinar”. O jovem José Everaldo ainda está estudando. Concilia estudo e trabalho. Em seu relato ele nos expõe a diferença entre a escola de seu local de origem e a da cidade de Ituiutaba: “Sobre educação entendo se tratar sobre respeito. Escola já é outro assunto; é onde a gente adquire conhecimento”. “Aqui encontrei uma escola diferente da de lá. Aqui é bem mais difícil.” O entrevistado Igor Batista, não diferente dos outros entrevistados, em sua fala também expõe um particular entendimento sobre o quesito educação e ainda nos traz a preocupação não apenas com sua educação, mas a de seus filhos, além de trazer a sua visão sobre a juventude e educação:

Aqui em Ituiutaba eu encontrei um sistema educacional muito melhor do que o que tinha lá em minha terra natal. Mas está longe do ideal, sei que em outras cidades existem sistemas de ensino e educação bem melhores do que os que tem aqui. [...] Uma das minhas maiores preocupações é a saúde e educação dos meus filhos, o futuro deles. [...] Sendo jovem é mais fácil estudar, trabalhar e ter liberdade; quando a idade se vai, isso fica bem mais complicado.

Cada um dos entrevistados relata seu entendimento particular sobre a temática, as dificuldades que vivenciaram e vivenciam dentro da escola e a importância da mesma em seu processo de formação pessoal. Dentro da discussão levantada, um dos pontos que foi recorrente nas narrativas foi o papel da escola na formação dos jovens e, conseqüentemente, na formação para o trabalho.

Cada um à sua maneira descreveu que a educação é uma ferramenta a ser utilizada para o mercado de trabalho. As falas dos entrevistados levantam um questionamento não apenas sobre a visão particular dos mesmos, mas sobre as condições de todo o sistema educacional brasileiro. De forma geral, fundamentados nas narrativas, podemos notar uma valorização do estudo como uma promessa futura, uma forma de garantir um mínimo de créditos para ter possibilidade de conseguir um lugar no mercado de trabalho.

Bourdieu, Nogueira e Catani (2013) ressalta que as diferenças culturais entre os agentes das classes sociais seriam um dos elementos mais evidentes nos níveis mais elevados do sistema de ensino. Nesse sentido, podemos utilizar como exemplo um membro da classe dominante que concluiu o mesmo curso de um membro da classe dos trabalhadores. A probabilidade de o indivíduo da classe dominante encontrar um emprego é bem maior, mesmo não sendo, muitas vezes, o mais qualificado para o cargo. Isso acontece quando o que seria analisado, de acordo com Bourdieu, (2009) é o capital cultural, dando destaque à linguagem culta do sujeito.

Podemos evidenciar outro elemento a ser destacado. Seria a questão dos filhos de profissionais renomados em profissões de evidência, como medicina, que optam pela mesma profissão dos pais, que já terminariam o curso com um sobrenome bastante conhecido, um consultório pronto, além de uma vasta lista de pacientes fixos.

O Mundo do Trabalho e as suas Relações

O migrante tem papéis sociais diferentes nos dois espaços. Ao voltar para a sua origem, quando bem-sucedido nas lavouras de cana no Triângulo Mineiro, recebe um novo *status*, uma diferenciação social e cultural. Destaca-se em seu mundo tradicional quando se apropria do moderno a partir de bens simbólicos e materiais¹⁰. Ainda no “mundo moderno” em que migrou, a relação é inversa. Os aspectos de seu cotidiano não estão absolutamente desprendidos do modo de vida de sua terra natal (portanto, um modo de vida tradicional e com os seus aspectos rurais). A relação vertical com os tujucanos é tensa, e é por isto que o migrante sazonal torna-se introspectivo, mantendo apenas no dia a dia relações horizontais (com o seu próximo e semelhante), seja a partir de laços de confiança e obrigações mútuas, seja nas brincadeiras ou, ainda, nas relações conflituosas, na disputa por colocações no mercado de trabalho, na verdadeira malha social construída e reproduzida nos corredores de cana-de-açúcar.

Sobre isso, Martins (2008), ao tratar das migrações, mostra, com muita clareza, o processo de transformação que acontece na vida do camponês/trabalhador rural, quando toma contato com a cultura urbana:

Pode-se dizer, com razão, que ele se torna escravo da miséria, tendo perdido a tosca fartura de camponês. Mas apesar disso, entra num circuito de relações sociais, mediadas pelo dinheiro, que rompem ou, ao menos, comprometem a dependência pessoal. Nessa realidade, materialmente negativa, esse é o lado positivo. É na trama dessa contradição que o trabalhador migrante cresce e aprende, ganha nova perspectiva, alarga sua visão de mundo, suas relações sociais, sua consciência de si e dos outros (p. 7).

Essa duração de tempo e de espaço, portanto, pode não proporcionar uma visão mais detalhada e com maior ênfase sobre alguns aspectos da migração, por exemplo, um maior desdobramento de compreensão da migração, que um estudo com “maior” recorte temporal e espacial talvez pudesse proporcionar. Fica aí uma entre outras possibilidades que esta pesquisa suscitou e poderá ser problematizada para outro estudo e futuros desdobramentos.

Neste contexto, o trabalhador migra pelo fetiche e *status* que a mercadoria e o papel moeda oferecem, pois é condição de reprodução social (possivelmente não seja apenas isso, mas pela condição de trabalho que a migração oferece – nesta frase toda a ênfase está colocada no consumo).

Trabalhando consegui o dinheiro pra comprar minha casa, sustentar minha família e cuidar da minha família. O trabalho é tudo pra mim e minha família (Isaías).

¹⁰Quando por exemplo voltam de boné, “ray-ban” e celular, bens materiais típicos do modo de vida urbano e, portanto, do “moderno”. Aqui existe uma dupla associação do tradicional e do moderno.

Eu não sei como é que conseguia fazer tudo isso. Eu mesmo me admiro de mim mesmo. Tem que trabalhar muito, e como trabalhar, tinha pra sobreviver, né? Eu trabalhava, fazia de tudo. Meu marido fazia as coisa, mas eu ajudava em tudo, fazia de tudo no que tinha que fazer, precisava né? Sempre trabalhei. (...) Eu gosto de trabalhar. Eu não gosto de ficar parada. A gente trabalhando passa o dia que nem vê. Porque se a gente fica parado, fica pensando coisa que não deve, fica pensando besteira (Jordana Lima).

Ah, o trabalho pra mim é tudo. É a maneira de garantir o sustento da família e comprar o que preciso pra viver (Jonas). O trabalho representa renda pra comprar as coisas que eu, minha mulher e filhos precisam (Expedito).

O que eu trabalhei na minha vida. Pelo amor de Deus! Trabalhei muito, tudo na roça; os meus filhos mais velhos também, trabalharam muito na roça. O meu velho [marido] trabalhava demais! Nossa (...). Coitado do velho, trabalho demais, sempre trabalhou muito (Florinda Vieira).

Como enuncia Castel (1998), os trabalhadores migrantes deixam a zona de vulnerabilidade que os obrigava a viver “cada dia com o que nele ganhou”, e que somente permitia a satisfação das necessidades mais prementes, e passam a ter acesso ao desejo, cuja condição social de realização está além da urgência da necessidade. Nas palavras de Castel (1998):

Ou seja, essa forma de liberdade que passa pelo domínio da temporalidade e se satisfaz no consumo de objetos duráveis, não estritamente necessários. O “desejo de bem-estar”, que incide sobre o carro, a moradia, o eletrodoméstico etc., permite – gostem ou não os moralistas – o acesso do mundo operário a um novo registro de existência (p 432).

Sendo assim, o consumo não se reduz somente à satisfação das necessidades básicas para a sobrevivência, posto que a classe trabalhadora passa a ter acesso a um consumo de massa. O salário passa a permitir a compra dos mais variados itens: roupas, eletrodomésticos, telefones celulares e até mesmo motocicletas. O que antes, muitas vezes, ficava circunscrito na imaginação desses homens e mulheres, hoje tornou-se possível.

Pode-se observar que o trabalho é um importante signo social de qualificação e desqualificação de si e dos outros. Se as apreensões negativas sobre os migrantes “alagoanos” elaboradas pelos “tijucanos”, conforme relato dos primeiros, passam necessariamente por avaliações morais em torno do trabalho, os próprios migrantes “alagoanos” também usam o trabalho para desqualificar os “tijucanos”, como na fala de Manuel sobre sua avaliação de que eles trabalham pouco:

Eles (os tijucanos) trabalham meio poco. Enxada, esses negócio não conhecia; era só foice e machado e arado então nem se fala; cortar cana também não. Nós, pro cê vê, além de ir cortar cana, nós produzia tudo, tudo! Nós só ia pro mercado pra comprar querosene, açúcar; nós fazia, também, melado, rapadura, nós faz, produz de tudo! (Manuel Oliveira).

Porque quando chegava migrantes aqui e ia morá perto de um tijucano, mas não ia fazer amizade mesmo com ele, porque eles diziam que a gente não queria trabalha; então cê não podia fazer amizade com uma pessoa que não gostava né? Então, com o tempo, o tijucano se muda, não dava certo, os migrantes são trabalhador, né? (Manuel Oliveira).

Eu sofro discriminação sim. Na empresa onde eu trabalho os tijucanos dizem que a gente rouba o trabalho do pessoal daqui (Francisco).

Muitos alegaram que a população local se sente prejudicada com a vinda dos migrantes. Ela alega que o migrante ocupa postos de trabalho, aceita receber um valor mais baixo pelo serviço prestado e, por conta disso, a população local perde emprego ou tem de se sujeitar a receber menos. Uma análise mais detida, porém, pode sugerir as dificuldades de lidar com o “diferente”. O Brasil foi construído com uma base multicultural muito forte. As relações interétnicas têm sido uma constante ao longo da nossa história. Uma história dolorosa principalmente aos grupos considerados diferentes.

Para Bauman (2012), a história da formação das sociedades modernas é marcada por uma guerra à diferença e aos diferentes, seja pela eliminação física dos “estranhos¹¹” via genocídio, seja pela eliminação simbólica da “estranheza” via assimilação. Nesse sentido, no microcosmos do Bairro Novo Tempo II, os jovens migrantes são sujeitos considerados fora da “normalidade”, são os “outros”. Sobre “normalidade”, Bauman (2012) declara:

Normalidade é um nome ideologicamente forjado para designar a maioria. Que mais significa ser “normal” além de pertencer à maioria estatística? E que mais significa “anormalidade” senão pertencer a uma minoria estatística? Falo de majorias e minorias porque a ideia de normalidade presume que algumas unidades de um agregado não se ajustam à “norma”; se 100% das unidades portassem as mesmas características, dificilmente surgiria à ideia de “norma”. Portanto, as ideias de “norma” e “normalidade” presumem uma dessemelhança: a divisão do agregado numa maioria e numa minoria, em “a maior parte” e “alguns”. A “forja ideológica” que mencionei refere-se a sobrepor o “deve ser” ao “é”; não apenas certo tipo de unidades compõe a maioria, mas elas são “como deveriam ser”, “corretas e adequadas”; inversamente, os que carecem dos atributos em questão são “o que não deveriam ser”, “errados e inadequados”. A passagem de “maioria estatística” (uma declaração de fato) para “normalidade” (uma decisão avaliativa) e de “minorias estatísticas” para “anormalidade” atribui uma diferença de qualidade à diferença numérica: estar na minoria implica inferioridade (p. 42).

A partir das considerações de Bauman (2012) é possível afirmar que normalizar é eleger, arbitrariamente, uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual outras identidades são avaliadas e hierarquizadas.. É também atribuída a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais outras identidades podem ser avaliadas de forma negativa. Dessa forma, a identidade normal é “natural”, desejável, única, não é uma identidade, mas a identidade. Assim, os migrantes fogem à norma, são os outros, inferiores.

O preconceito em relação ao nordestino é histórico na cidade de Ituiutaba. Segundo D. M. Silva (1996), estes preconceitos foram construídos historicamente na região:

O nordestino, com o seu jeito de ser e de viver, foi recebido pelo mineiro com reserva e uma dose de desconfiança. A incompreensão quanto às diferenças culturais, transformou-as em barreiras erguidas pelo preconceito. Conceitos errôneos eram formulados e disseminados de boca em boca por toda a região, formando opinião sobre o outro, que era mantido a distância. Esses conceitos nortearam, por muito tempo, as relações entre mineiros e nordestinos (p. 8).

¹¹Termo utilizado por Bauman ao se referir aos grupos minoritários, os outros, os diferentes.

De fato, a reestruturação das atividades do complexo canavieiro em Ituiutaba favoreceu a exposição de problemas sociais brasileiros: a migração de grupos humanos; a exploração de trabalhadores pobres; o preconceito de origem geográfica; as diferenças socioeconômicas entre regiões; o analfabetismo; e as barreiras impostas aos grupos de trabalhadores que são obrigados a migrar em busca de inserção no mercado de trabalho.

Essa condição em que os pobres foram pensados, segundo Sarti (1996),

Coloca-os numa posição “como se sua identidade fosse” ou devesse ser construída exclusivamente a partir de sua determinação de classe, ou de outro ponto de vista, como se suas ações fossem ou devessem ser motivadas pelos interesses em satisfazer suas necessidades materiais, uma vez que eles foram definidos por sua carência básica. A determinação de classe dos pobres que vivem na cidade, embora defina sua posição estrutural na sociedade onde se inserem como pobres, não constitui a única referência a partir da qual operam e constroem sua explicação do mundo e do lugar que nele ocupam (p. 20-21).

João Pereira, maranhense de 34 anos e migrante sazonal há três anos porque tem o sonho de comprar uma moto, relata:

Aqui é cidade, tem dinheiro, dá pra comprar uma moto, pra andar de tênis, mas eu sou pobre e prefiro morar na terra da gente (risos). Porque a gente nasce lá. Porque a gente nunca se esquece da terra que se nasceu [...]; sem família é a mesma coisa que nada (João Parreira).

Esse maranhense, no entanto, não se sente parte integrante de Ituiutaba, sendo tomado pelo estranhamento e saudade de sua terra, saudade esta que é parte constituinte do trabalhador rural migrante. Assim como outros trabalhadores maranhenses, não sente que pertence ao mundo que migra, porque é parte constituinte de sua cultura e terra natal, onde a lógica tradicional e rural já recebe a influência dos símbolos do urbano, seja a partir da migração existente da sua terra e região natal há mais de dez anos, que possibilitou a interação de culturas, seja a partir das imagens da televisão, meio de entretenimento entre os moradores de sua terra natal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Bourdieu, no social tudo é relacional. As consequências desse postulado teórico da sociologia bourdieusiana têm sido imprescindíveis, conforme o pesquisador, em condições de compreender as características específicas dos objetos de estudo. Nessa perspectiva, o enquadramento do objeto é produzido de maneira a permitir perceber a sua posição relativa no conjunto de objetos semelhantes, o que possibilita avaliar, de modo mais apurado, o seu sentido (valor, significado, pertinência) em uma determinada configuração do social.

Deste modo, este artigo buscou demonstrar o processo de construção e reprodução das múltiplas identidades e sociabilidades existentes entre os trabalhadores assalariados, de origem nordestina, que migram para Ituiutaba, Minas Gerais, e dos moradores locais. Foi possível identificar, por meio das entrevistas, que os autodenominados tijuicanos oprimiram e marginalizaram os migrantes nordestinos, que há décadas fazem parte de seu espaço social. Frequentemente conhecidos como excluídos, na verdade estão inseridos nos processos de produção capitalista,

como também nas relações sociais e culturais das cidades, onde procuram a sobrevivência. Em ambos os casos, todavia, estes trabalhadores migrantes encontram-se em desvantagem, pois estão sob o domínio de um poder simbólico que constantemente os oprime.

Por um lado, o recorte temporal e espacial deste trabalho permitiu construir uma análise com maior abrangência, demonstrando as continuidades, as discontinuidades e as múltiplas dimensões da mobilidade espacial da população, com diferentes sujeitos, com condicionantes e motivações singulares, com funcionalidades distintas do território que participaram em cada pedaço de espaço e de tempo, isto é, em cada período, dos contextos e das relações de solidariedades e de conflitualidades.

A região do Pontal do Triângulo Mineiro, onde localiza-se Ituiutaba, historicamente criou uma demanda por mão de obra e, conseqüentemente, recebeu, ao longo da história, migrantes de outras regiões. É possível afirmar que o migrante veio ocupar uma função que havia previamente sido demandada. No olhar do tijucano construiu-se uma ideia sobre a presença do migrante. Essa ideia, tendo cunho subjetivo ou objetivo, desqualifica o migrante enquanto sujeito social com participação ativa dentro da cidade. Pouco levantou-se e considerou sobre este trabalhador ocupar um espaço no mercado de trabalho. A partir desta demanda aberta o espaço social deveria organizar-se para dar conta de suprir as necessidades deste cidadão brasileiro. Para ser possível compreender o papel do migrante em Ituiutaba, foi necessário desvendar todo o contexto em que este agente social estava envolvido e, essencialmente, suas relações com os que chamamos de “tjucanos”.

A partir desta ação podemos compreender que esta pode ser uma ação para se proteger. Os “alagoanos”, quando questionamos sobre a temática preconceito, tentaram naturalizar este tipo de comportamento. Podemos pensar essa atitude como sendo uma forma de resistência à ação praticada, na medida em que, quando se naturaliza uma ação, ela pode ser vista como algo menos violento em nossa realidade. É uma forma de dominação em que os próprios dominados incorporam a classificação simbólica da dominação, naturalizando-a. Então, naturalizar o preconceito é o sintoma de que a violência simbólica teve eficácia, ou seja, o próprio dominado naturalizou a dominação.

Em todas as entrevistas evidencia-se que os aspectos da cultura dos migrantes não é algo levado em consideração. Mesmo com a cidade vivenciando mais ou menos 70 anos dentro do processo de migração, não foram criados espaços para as manifestações culturais. Por meio das narrativas dos jovens migrantes, porém, observamos que eles usam táticas para manterem vivas algumas de suas tradições. Aproximam-se dos conterrâneos e, por residirem nos mesmos bairros, promovem encontros para reviverem suas culturas. Por outro lado, frequentam espaços sociais e culturais dos mineiros, e, mesmo que de forma inconsciente, é promovida uma “circularidade” de culturas. Além destas questões, entretanto, defendemos espaços de memória e culturas produzidas para e com os migrantes.

Sendo assim, buscamos, por meio das ferramentas, isto é, pelos conceitos nomeados, aliar teoria e realidade, ao procurar compreender a imbricação entre os eventos concretos materiais e imateriais e a análise, ou seja, aquilo praticado cotidianamente e geograficamente pelos sujeitos, teorizando-a. Isso implica buscar refazer, invariável, a teoria com a prática e vice-versa, numa revisão teórico-empírica dos fenômenos, enfim, das relações socialmente produzidas

aqui, em especial pela e na dinâmica migratória. Como resultado desta pesquisa temos a criação de novas denominações locais, como “tijucanos” e “alagoanos”, que refletem a segregação socioespacial entre moradores locais e migrantes.

A pesquisa está em desenvolvimento, e esperamos que futuras pesquisas acrescentem maior sustentabilidade à proposta e maior riqueza de dados e aproveitamento dos mesmos. De tal modo, resta pontuar que a dinâmica dos trabalhadores migrantes em Ituiutaba se constitui em diferenciado tipo de relacionamento e formação de territórios e territorialidades e que ainda muito se há de estudar sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, D. F. C. de. *O lado amargo da cana: estudos sobre trabalhadores migrantes no setor sucroenergético no pontal do Triângulo Mineiro*. 2018. 176. f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.1374>. Acesso em: 26 jan. 2020.
- ARAÚJO, D. F. C. de. (Re)territorialização e identidade cultural: estudo de caso dos migrantes nordestinos no Bairro Novo Tempo II, em Ituiutaba, MG. 2015. Monografia – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.
- ARAÚJO, D. F. C. de.; ARAÚJO SOBRINHO, F. L. Trajetórias migratórias na voz dos sujeitos, trabalhadores do setor sucroalcooleiro em Ituiutaba, Minas Gerais. *Geografia*, Londrina: Universidade Estadual de Londrina [S.l.], v. 30, n. 1, p. 185, 30 dez. 2020a. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/2447-1747.2021v30n1p185>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- ARAÚJO, D. F. C. de.; ARAÚJO SOBRINHO, F. L. A dinâmica do setor sucroenergético no Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. *Revista Cerrados*, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 248-277, 2020b. DOI: 10.46551/rc24482692202001. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/2527>. Acesso em: 28 jul. 2021.
- ARAÚJO, D. F. C. de; ARAÚJO SOBRINHO, F. L. Agricultural culture of sugarcane in Brazil: contribution to the study of rural territories and their contradictions and conflicts. *Geopauta*, Vitória da Conquista, BA, v. 4, n. 1, p. 162-183, abr. 2020c. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/geo/article/view/6303>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. *Juventude e educação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2012.
- BOURDIEU, P. *La distinción*. Paris: Minuit, 1979.
- BOURDIEU, P. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, P. *A gênese dos conceitos de habitus e de campo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Editora Difel, 1989.
- BOURDIEU, P. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1983.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2014.
- BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. *Réponses*. Paris: Éditions du Seuil, 1992.
- BOURDIEU, Pierre; NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org.). *Escritos da educação*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Ciências sociais da educação).
- CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CONAB. Companhia Nacional de Abastecimento. Acomp. safra bras. cana. *Safra 2019/20*, Brasília, n. 2, v. 6, p. 1-58, 2019. Segundo levantamento.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos*. Campinas: Papyrus, 2001.
- FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. Faostat, 2020. Disponível em: <http://www.fao.org/faostat>. Acesso em: mar. 2021.
- FERREIRA, N. S. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. *Educação & Sociedade*, a. XXIII, n. 79, ago. 2002.

- GATTI, B. A. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 113, p. 65-81, jul. 2001.
- IBGE. *Contagem da população*. Ituiutaba, MG. 2014. Disponível em: www.ibge.gov.br/cidadesat/topwin-donw.htm. Acesso em: 8 set. 2021.
- ITUIUTABA. *Decreto nº 3.672, de 15 de fevereiro de 1993*. Aprova o Conjunto Habitacional Novo Tempo II. Ituiutaba: Prefeitura, 1993.
- LÖWY, Michael. *A teoria do desenvolvimento desigual e combinado*. *Actuel Marx*, Paris, p. 73-80, 18 nov. 1995. Disponível em: <http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Lowy,%20Michael/a%20teoria%20do%20desenvolvimento%20desigual%20e%20combinado.pdf>. Acesso em: 1º mar. 2020.
- MARTINS, J. S. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de. *Urbanização e cidades: análises da microrregião de Ituiutaba (MG)*. 2013. 431 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.
- OLIVEIRA, R. C. *Identidade, etnia e estrutura social*. Brasília: Pioneira, 1976.
- SARTI, C.A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, Editora Autores Associados, 1996. 152 p.
- SILVA, D. M. *Memória: lembrança e esquecimento*. Trabalhadores Nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 1960. 1996. Mestrado (Departamento de História) – PUC/SP, 1996.
- SILVA, J. G. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. Campinas: Ed Unicamp, 1996.
- SOUZA, S. T. O. *Migrantes nordestinos e escolarização no pontal mineiro (décadas de 1970 a 1990)*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, SBHE, 7., Cuiabá: UFMT, 2013.
- SPOSITO, M. P. Juventude e educação: interações entre educação escolar e a educação não formal. *Educação e Realidade*, v. 33, p. 83-97, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/7065/4381>
- UNICA. União da Indústria de cana-de-açúcar. *Observatório da Cana*. 2020. Disponível em: <https://observatoriodacana.com.br>. Acesso em: mar. 2021.
- USDA. United States Department of Agriculture. *Sugar: world markets and trade*, 2020. Disponível em: <http://www.usda.gov>. Acesso em: mar. 2021.